

FAROLETE

Informativo da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade ano 1, número 1 – 2005

BOAS-VINDAS DO COORDENADOR-GERAL DA RELUS ::

Seja bem-vindo à *Rede Lusófona de Estudos da Felicidade*, ou, simplesmente, *RELUS*. É com profunda satisfação que iniciamos nossos trabalhos, tendo como inspiração o – cada vez mais belo – campus da Universidade de Fortaleza. Para quem, ainda, não compreendeu essa proposta, aqui, defendida, considero necessário sublinhar algumas particularidades, já aludidas em nossa denominação: estamos construindo uma ampla *Rede Lusófona*, ou seja, que se organize, fundamentalmente, em torno de pessoas que falam Português.

Trata-se, em outras palavras, de um esforço que visa, não apenas, congregar pesquisadores e estudantes de países e regiões que se comunicam na “língua de Camões” (oficialmente, *Portugal, Brasil, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau e Timor Leste*, além de *Goa, Macau, Galícia*, entre outros), mas, sobretudo, uma tentativa de reunir discussões comuns, em culturas razoavelmente distantes, aproximadas, todavia, pela “última flor do lácio”, conforme imortalizou o poeta Olavo Bilac (1865-1918). Esta *opção lusófona*, embora identitária, não nos restringe o convívio de outras expressões culturais que, eventualmente, participem da nossa longa caminhada em busca de compreender a felicidade aplicada à construção de uma cultura de sustentabilidade e bem-estar coletivos. Deste modo, acolhemos a todos os interessados na pesquisa da felicidade, seja, tradicionalmente, reflexões teórico-especulativo-filosóficas, ou investigações de natureza empírica, estudos qualiquantitativos etc., através dos vários campos e estratégias da produção científica e estética.

Nossos encontros têm periodicidade semanal, sempre, às quartas-feiras, entre 17h30 e 21h30, no campus da UNIFOR. Nesta oportunidade, em ritmo de uma “disciplina avançada” e contínua, estaremos discutindo textos recomendados, bem como, analisando, coletivamente, os resultados de pesquisas de campo. A reunião do grupo é fechada para os membros inscritos, no total, 25 participantes, dentre os quais estudantes da graduação e do mestrado em psicologia, mestres e doutores, além de profissionais da psicologia e áreas afins. Novas inscrições para o quadro permanente da RELUS, na qualidade de “assistente de pesquisa voluntário”, estarão abertas em novembro de 2005, *somente* através de email. Interessados em participar como “ouvintes”, no limite de *dois* convidados por encontro, podem inscrever-se, previamente, através do e-mail. Pesquisadores, professores e candidatos ao Mestrado em Psicologia, interessados em colaborar, associando ou propondo investigações, podem contatar-nos por e-mail, ou, pessoalmente, na Sala N-13 do Mestrado em Psicologia da UNIFOR.

Finalmente, registro que, no dia 3 de agosto próximo, teremos o primeiro encontro com todo o grupo de pesquisa, e, já no dia **5 de agosto, às 17h30, Videoconferência de abertura do semestre**, em parceria com o IBMEC-SP: **“Ciência da Felicidade: Mudanças de Paradigmas”**, com o Prof. **Johannes Hirata** – doutorando do *Institut für Wirtschaftsethik da Universität St Gallen* (Suíça). Recomendamos a leitura antecipada da entrevista com o Prof. Hirata, publicada nas “Páginas Azuis” do jornal O POVO (13/06/2005). Deixo-lhes, então, o meu caloroso abraço, com o sentimento de que estamos iniciando um importante movimento na história da universidade brasileira. Que este singelo informativo possa servir-se como um *farolete* para nossas discussões, somente possível, entretanto, com a participação ativa dos nossos leitores-colaboradores. *Aguardamos novas provocações sobre a felicidade.*

Prof. Cavalcante Junior, Ph.D.
Coordenador da RELUS
Professor titular, Mestrado em Psicologia/UNIFOR

Informações:
relusunifor@gmail.com

LOUSA DO MESTRE ::

“Paulo Freire e muitos outros educadores brasileiros sabiam que a EDUCAÇÃO não muda o MUNDO. Mas a EDUCAÇÃO ajuda a mudar as PESSOAS. E ela muda as PESSOAS, ensinando elas a saber ler melhor, a saber pensar melhor, a saber julgar melhor o que está acontecendo, a saber agir melhor, juntas, uma ao lado das outras. E, assim, PESSOAS que sabem ler palavras, lendo o MUNDO, haveriam de saber mudar o MUNDO. *Saberiam como fazer um MUNDO melhor para a vida de PESSOAS mais felizes. Afinal, felicidade é uma coisa tão boa que ninguém no mundo deveria viver sem ela*” – Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (“Paulo Freire, o menino que lia o mundo”, 2005)

BIOFELICIDADE!? NÃO, OBRIGADO :: {André Feitosa}

No "Caderno FOLHAMais!" (jornal Folha de São Paulo), em 17 de julho de 2005, o Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé (PUC-SP), assina o artigo "Para além da felicidade", expondo seus argumentos contra o que ele entende como a "alienação na práxis secular", expressa na opção do "imperativo utilitarista", nos espetáculos do "círculo infernal de Narciso" e na crença do "todo mundo só quer ser 'biofeliz'" (grifo nosso).

Do seu panorama, enquanto teólogo cristão, o autor sugere uma Igreja capaz de afirmar-se na transcendência, sem que esta vocação não lhe custe "uma má publicidade teológica", no que tange seus compromissos sociais, políticos e morais, implicados nesta modernidade que fazemos parte.

Ilustrando seu pensamento, o articulista enfrenta a questão do "amor em tempos modernos", criticando a **relativização** dos nossos contratos sociais e afetivos, quando, por exemplo, "os homossexuais (os últimos românticos) buscam a normatização do seu amor", aludindo um tipo de idolatria do homem por si mesmo, uma vez que a vivência homoafetiva não encontra a mesma possibilidade de transcendência que se credita ao sexo heterossexual. Conforme a leitura do Prof. Pondé, nos relacionamentos heterossexuais "secreções, prazer e amor (re)fundam o infinito no corpo do próximo ser humano gerado".

Afinando suas críticas de encontro à cultura hedonista moderna, ele complementa que "sem o 'mercado da reprodução humana' (venda de células germinativas ou produtos 'highbiotech'), a família homossexual seria estéril. A experiência 'bruta' do sexo permaneceria condenada a nunca ser algo além disso. **Não haveria rompimento do solipsismo fisiológico do desejo**" (grifo nosso).

Nessa busca por um novo diálogo entre bem-estar e ética, propõe-se que "a indissolubilidade do matrimônio seria um recurso contra a confusão entre amor e efemeridade do desejo, discernimento necessário para a real experiência da parceria **para além de qualquer metafísica do prazer. Existem coisas mais sérias na vida do que a felicidade**" (grifo nosso).

Nesta pretensão de *universalidade*, que hipoteca a existência de valores ou vocações humanas mais nobres e necessárias que a vivência da felicidade, o Prof. Pondé ratifica crenças antigas: já em seu artigo de 26 de setembro de 1999, no mesmo "FolhaMais!", celebra-se o trabalho do filósofo Karl-Otto Apel, um dos colaboradores próximos da *Escola de Frankfurt* e grande expoente, ao lado de Jürgen Habermas, na construção da *Teoria do Agir Comunicativo*, por seu vigor "contra a idéia de que a moral possa se dissolver no **mundo sombrio do senso comum vadio contemporâneo, no qual o obsessivo desejo de 'felicidade' devora qualquer drama moral**. Apel é um anti-relativista convicto, embora aceite e reconheça o valor da crítica relativista em todos os seus sentidos" (grifo nosso).

Resta-nos, agora, refletir acerca do estatuto de validade e compreensão da felicidade, numa cultura narcísica-hedonista-consumista ocidental – e o livro "Vestígio da aura" (Garamond, 2004), do Prof. Jurandir Freire Costa, colabora nessas, e outras tantas, discussões – bem como uma problematização, de cunho propriamente ético-filosófico, sobre o papel que, eventualmente, desempenha a felicidade no rol dos direitos universais humanos.

BIOELETRÔNICA NA ASCESE-MODERNA PSIQUIÁTRICA :: {André Feitosa}

O "Caderno Folha ciência" (jornal Folha de São Paulo), de 24 de julho de 2005, traz uma matéria do Prof. Marcelo Gleiser (Dartmouth College), discutindo os novos alcances permitidos com a inserção de eletrodos em regiões profundas do cérebro, que variam na relação entre pacientes, comprometimento, riscos e mapas neurais. "A técnica, chamada de Estimulação Cerebral Profunda (ECP), é surpreendentemente semelhante àquela das obras ficcionais", antecipa o Prof. Gleiser, explicando que os testes preliminares são animadores, uma vez "em torno de 30 mil operações desse tipo foram já feitas no mundo, especialmente no tratamento do mal de Parkinson. Em muitos, **o estímulo elétrico alivia imediatamente a paralisia muscular associada com a doença**" (grifo nosso).

Canadá, Alemanha, EUA e Bélgica assumem a liderança dessa "nova era da psiquiatria e psicologia, onde **medicamentos e terapia são apenas parte do tratamento**" (grifo nosso), com o objetivo de "aliviar o sofrimento causado por várias doenças psiquiátricas, como a obsessão compulsiva, o mal de Parkinson e a depressão profunda". Os princípios básicos da *eletroquímica* inspiram esse tipo de conhecimento, sobretudo nas descobertas mais recentes de neurocientistas, a exemplo do aclamado Prof. Antônio Damásio, autor de "Em busca de Espinosa" (Companhia das Letras, 2004): para ele e seus colegas de laboratório, estamos na contagem regressiva para elucidar a equação sofisticada que governa emoções e sentimentos em termos de neuroquímica, impulsos elétricos, linguagem e memória. E nada mais! Findado o projeto de classificação do genoma humano, aliado aos mapas complexos das regiões e funções cerebrais, dor e prazer, tristeza e felicidade, seriam, apenas (!), uma questão de orquestrar estímulos precisos e desejados.

No artigo "Vida e morte de um conceito" (24 de julho de 2005, jornal O POVO), a psicanalista Sabrina Serra Matos questiona essa *cultura midiática do Prozac*, numa sociedade "com sujeitos apresentando organizações subjetivas cada vez mais narcísticas e mergulhados na busca incessante da felicidade a qualquer preço [que] acredita[m] em promessas tão prosaicas sem sequer questioná-las" (grifo nosso). Trazendo pistas na análise do fenômeno, acrescenta: "Como toda ferida narcísica tem que ser elaborada de alguma forma, tudo indica que a indústria farmacêutica já sinaliza para uma repaginada do conceito de depressão". Questionamentos semelhantes foram, brilhantemente, incitados pelos professores Virginia Moreira e Tod Sloan ("Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica", Escuta, 2003).

Por outro lado, acredita o Prof. Damásio que emoções são heranças evolutivas (genomicamente codificadas), operantes nas regiões cerebrais, resultando em transformações internas e físicas no corpo (definição técnica para os sentimentos), portanto, idéias como felicidade ou saudade, tanto quanto depressão ou melancolia, não passam de *meros* inconvenientes elétricos... basta desliga-los! Apesar de ainda buscarmos pelos botões certos.

LuxoCultural::

☐ Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, de 4 de julho de 1776: "(...) que todos os homens são criados iguais, que eles são dotados pelo seu Criador com certos Direitos inalienáveis, dentre eles estão Vida, Liberdade, e a busca da Felicidade";

☐ "Felicidade Interna Bruta é mais importante que o Produto Interno Bruto" – Sua Majestade, Jigme Singye Wangchuck, Rei do Butão, em 1972;

☐ A Constituição brasileira de 1988 alicerça a idéia de um Estado do "Bem-Estar Social" (Welfare State), onde se pretende harmonizar direitos individuais e sociais;

☐ Pesquisa do jornal O POVO/Instituto UltraData (12/06/2005), constatou que 63,6% dos fortalezenses "consideram-se felizes" (7,2% dizem que não, 28,2% afirmam que são felizes "em parte"); 46,7% considera que "sucesso é sinônimo de felicidade"; 47,3% acreditam que "a responsabilidade por sua felicidade" cabe unicamente à si mesmo; a margem de erro da pesquisa é de 3,8% para mais ou para menos;

☐ Fortaleza é a terceira pior região metropolitana brasileira para se viver, pelo menos na percepção dos seus moradores, conforme o estudo realizado pela FGV (jornal O POVO, 27/07/2005), com 26,57% abaixo da média nacional; abaixo, apenas, de Recife e Belém. Na liderança, encontra-se Brasília, com 108,27% acima da média.

Duas entrevistas, diferentes idiomas, conversas semelhantes. A primeira, publicada pelo jornal "Estado de São Paulo" (02/05/2004); uma outra, veiculada na revista inglesa "New Scientist" (08/11/2003). Em comum, questionamentos direcionados ao mesmo homem ("Um neurocientista e o acerto de Espinosa" e "Virtue in mind", respectivamente): Antônio Damásio e sua busca pelo filósofo Baruch de Espinosa, século XVII.

Na introdução da entrevista brasileira, encontra-se um resumo que, parcialmente, justifica a dupla menção: "Damásio é autor de dois livros importantes em sua área de estudo, *O Erro de Descartes* e *O Mistério da Consciência*, este ainda o melhor de todos. No primeiro, **atacou a separação cartesiana de corpo e mente**, mostrando em casos clínicos o quanto os circuitos cerebrais dependem de uma auto-regulação dos sentimentos feita pelo organismo de forma autônoma. No livro seguinte, **aprimorou essa idéia com os conceitos de consciência central** (esse conjunto de funções realizadas sem participação da vontade individual) e **expandida** (o território das operações mais racionais e exteriorizadas). No atual, volta aos tempos de Descartes para encontrar em Espinosa seu antípoda, como proponente (em sua leitura, controversa como toda leitura de Espinosa) de **uma ética existencial em que corpo e mente agem como unidade guiada para o prazer e não para a dor**" (grifo nosso).

Comentários dessa natureza, apesar de concisos, parecem encaixarem-se, singularmente, entre os argumentos formais expressos no seu último livro – fortemente recomendado; desses fragmentos – via de regra, bastante pessoais –, compomos o mosaico contemporâneo que a ciência de inspiração bio-tecnológica utiliza para ver refletida sua compreensão para mente e consciência. Perguntado, por exemplo, acerca de sua visão "americana" para a filosofia de Espinosa, Damásio esclarece ao jornalista: "(...) o fato é que Espinosa, de fato era um otimista e estava muito preocupado em **encontrar a fórmula certa para a felicidade**. Ele fez todo o possível para negar qualquer valor para a tristeza ou o medo ou a raiva. Nem mesmo a esperança era o bastante para ele".

Desafiado, novamente, pela crítica do repórter, ao questiona-lo sobre as pesquisas mais recentes que apontam um limite estanque para a conquista de felicidade em pessoas com renda anual equivalente a US\$ 25 mil, Damásio explica: "esse é um fato interessante. Para além da satisfação de nossas necessidades básicas, **a felicidade só pode ser encontrada nas recompensas que vêm de nossa própria criatividade, e nossa criatividade inclui a generosidade com os outros, a preocupação com a criação do bem-estar nos outros**. O dinheiro não pode comprar isso. E, claro, ter dinheiro demais pode realmente limitar nossa possibilidade de atingir o bem-estar e a harmonia que podem **produzir a verdadeira felicidade**".

Particularmente, referindo-se a Espinosa, na entrevista inglesa, Damásio resgata, argumenta e defende o conceito monista da mente como uma idéia construída pelo corpo, ou seja, "**quando temos uma emoção alteramos o estado do corpo** numa variedade de maneiras, e, então, **registramos as mudanças resultantes nos [complexos] mapas corpóreos do cérebro e [da] sentimos** as emoções. Emoções vem primeiro, seguidas dos sentimentos [relacionados]". Acrescenta, ainda, que: "sentimentos são as percepções dessas mudanças [no corpo] em conjunto com as percepções do objeto ou situação que provocaram àquelas emoções primeiramente".

Contudo, ressalta: "mesmo se é verdade que as emoções sejam plantadas em nós pela evolução, **o modo com que nós iremos cultivar nossas relações com o mundo depende inteiramente na maneira como fomos educados** ou nossos ideais familiares ou no ambiente social, e, claro, podemos terminar sendo Madre Teresa ou um outro garoto mau". No caminho para a salvação espinosiana, conclui Damásio, "o indivíduo deve substituir aqueles estímulos-emocionais-competentes que [não] são capazes de disparar emoções positivas. **A solução de Espinosa alerta para a força da mente sobre os processos emocionais**".

Idéias para refletir e despertar a curiosidade para a leitura do livro, mesmo suspeitando que, talvez, discordem os poetas: "(...) Que a tensão que me corrói por dentro seja um dia recompensada/ Porque metade de mim é o que penso, a outra metade um vulcão./ (...) **Que a minha loucura seja perdoada porque metade de mim é amor/ e a outra metade também**" (*Metade*, Oswald Montenegro).

Freud... & Felicidade



"Freud no final dos "Estudos sobre a Histeria" diz que **o objetivo da psicanálise, promovendo a suspensão do sintoma é transformar o "sofrimento histórico em infelicidade comum"**. A psicanálise não faz falsas promessas, não visa a busca da felicidade. Ainda que a felicidade seja aquilo que os analisandos demandam, mas que seria a obtenção de um impossível. Se a felicidade chega, se é que chega, ela vem por acréscimo. Esta, sem dúvida, é uma perspectiva ética, que permite ao sujeito uma escolha. (...)

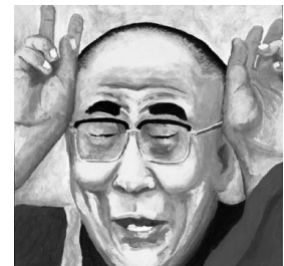
"Recusamo-nos categoricamente a considerar o paciente que solicita nossa ajuda e se põe em nossas mãos como um bem nosso. Não procuramos fazer seu destino por ele, inculcar-lhe nossos ideais ou modelá-lo à nossa imagem com o orgulho de um criador". Isto é o que nos diz Freud no seu texto sobre Técnica Psicanalítica. Ou seja, por mais tentador que seja, o analista deve resistir ocupar o lugar de mestre cujo efeito pode ser uma cura sintomática que muito se distancia da análise. E não deve o analista, muito menos, tomar partido por uma das partes conflitantes do sujeito (Ideal versus Supereu), possibilitando assim, **o encontro do sujeito com o desejo**" - Déborah Pimentel (*"Transferência e ética: direção da cura"*).



"Vou começar dizendo que, **mais do que a felicidade como meta, a psicanálise é a disciplina do conhecimento das contradições**. Se o princípio geral que moveria o homem seria o do prazer, num primeiro momento do Freud [1856-1939], esse princípio é contradito. É na **tensão entre um movimento nunca realizado e o seu barramento que talvez esteja a sua verdade**. Já na segunda tópica freudiana, tem-se uma coisa terrível: seríamos movidos pela pulsão de morte, o avesso do princípio do prazer. Esses são os temas da psicanálise. Mas tem um lugar para a felicidade. É um lugar tênue, a ser mediado. **A felicidade é uma solução de compromisso, não a verdade do sujeito, embora seja para onde todo sintoma busque se orientar** - Tales Ab'Saber, psicanalista do Instituto Sedes Sapientiae (Folha de São Paulo, 26/11/2002)

:: adaraXXarada ::

Em busca de novas ilustrações, acessamos o Google e digitamos: >> "*painting, happiness*" (pintura, felicidade)... Esperávamos encontrar rostos conhecidos, pintores famosos... mas, nem tanto! Abaixo, segue o resultado obtido:



Dalai Lama (*Happiness*), por Linda Wiseman – pintura em acrílico.

PS: que análise cultural você formularia para esse fenômeno? Escreva um texto e compartilhe conosco!

PRIMACARTA DA RELUS – 23 de junho de 2005
UNIFOR LIDERA A CIÊNCIA LATINO-AMERICANA NO ESTUDO APLICADO DA FELICIDADE

Pesquisadores de cinco continentes reuniram-se de **20 a 24 de junho de 2005**, na pequena cidade de **Antigonish, na província de Nova Escócia no Canadá**, para discutirem o conceito e a prática da **Felicidade Interna Bruta (FIB) ou Gross National Happiness (GNH)**, durante o **Segundo Congresso Internacional** sobre este tema. No total de quase 500 participantes, de 43 países, entre eles 30 dos mais renomados economistas da atualidade, estiveram presentes cientistas sociais, políticos, educadores, psicólogos, gestores públicos, representantes de ONGs e da sociedade civil.

A pesquisa latino-americana foi representada pelo trabalho do professor Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D., do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), que esteve acompanhado por seu bolsista de iniciação científica (PBIC/Funcap), André Feitosa de Sousa, estudante de psicologia da Unifor. Do Brasil também participaram a coordenadora de responsabilidade social de FURNAS, a engenheira Lisângela Gnocchi da Costa Reis, do Rio de Janeiro e o editor Paulo Lima da Revista *Trip*, de São Paulo.

Na ocasião, um número especial em inglês do *Temas Pedagógicos 13*, publicado pela Vice-Reitoria de Ensino de Graduação da Unifor, foi entregue aos congressistas, apresentando a experiência brasileira do Programa de Letramentos Múltiplos, recentemente agraciada pela UNESCO com o Prêmio ILÍMITA 2005 do Plano Ibero-americano de Leitura na América Latina e no Caribe. Neste programa, realizado ao longo de oito anos, o **Prof. Cavalcante Junior propõe que a felicidade seja um indicador para o desenvolvimento humano através da superação da pobreza de letramentos de uma nação.**

À esta mesma perspectiva convergem iniciativas de outros países que articulam felicidade e bem-estar como metas de políticas públicas nacionais e regionais. Destaca-se, sobretudo, a liderança do governo butanês, que em 1972 declarou que “a Felicidade Interna Bruta (FIB) é mais importante do que o Produto Interno Bruto (PIB)”, segundo as palavras pronunciadas por Sua Majestade, Jigme Singye Wangchuck, rei do Butão, para quem a felicidade é o objetivo primordial e único do desenvolvimento.

Inspirados por um novo paradigma que demarca a felicidade como objetivo último do desenvolvimento político, social e econômico, países como a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia, em parceria com o Butão, promovem diálogos entre universidades, entidades da sociedade civil, governos locais e departamentos estatísticos, para instrumentalizarem novos indicadores nacionais e regionais de bem-estar.

No Brasil, novas pesquisas estão sendo iniciadas na mesma área, através da constituição de um grupo internacional de estudos, a Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (Relus), congregando os países de língua portuguesa, sediada na Universidade de Fortaleza (Unifor), sob a coordenação do professor Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D., em parceria com o pesquisador Karma Ura, diretor do *The Centre for Bhutan Studies* (Butão), o professor Michael Salvaris, Ph.D., da *Victoria University* (Austrália) e o pesquisador Johannes Hirata da *St. Gallin University* (Suíça).

Atualmente, a Unifor ancora a pesquisa “**Eudemonologia: etnografia da aprendizagem de uma vida feliz em comunidade**”, coordenada pelo Prof. Cavalcante Junior, que investiga a relação entre comunidade e felicidade. Informações: cjunior@unifor.br

PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS INTEGRADORAS: UM OLHAR CRÍTICO-CULTURAL

Empédocles, filósofo grego pré-socrático, afirmava que, sendo universo, quatro elementos primordiais estariam presentes: água, terra, fogo e ar. Idéia, afinal, que não é novidade, tendo ela persistido, com seus altos e baixos, através dos séculos. Meio distorcida, é bem verdade, ainda nos chegam os ruídos dessa crença antiga. E, tal como Empédocles, acreditamos que certos ingredientes compõem o nosso universo. Se mencionarmos, então, a existência humana, pelo menos três elementos constam em nossa lista: corpo, mente e espírito. Apesar de não os compreendermos, não é difícil compor a idéia de homem a partir da reunião de tais substâncias.

Já não representasse um nó para as melhores discussões, seja na universidade ou na mesa do bar, complementasse, às nossas crenças humanas, um sentimento forte que parece distinguir cada dimensão do corpo, diferindo do campo da mente, por sua vez alheios do aspecto próprio ao espírito. Embora, imaginemos, relacionados, o médico é o senhor do corpo, psiquiatra e psicólogo disputam o saber da mente, e a religião monopoliza o cuidado com o espírito. Rigorosamente, divididos entre compartimentos, assim respeitávamos o legado dos nossos antepassados.

Especialistas em cada vez menos, por fim, a modernidade acaba sabendo tudo sobre nada que desconhecemos, um nada que, efetivamente, não é mais humano. E se ousássemos resgatar a *integralidade desse homem*, um ser que se constitui em complexidade, que só está presente no teatro da vida por completo? Tal inspiração norteia o trajeto epistemológico de vários métodos, práticas e intervenções que rumam contra a ciência tradicional. Para eles, o homem não pode ser menos que *si-mesmo, um indivíduo...* não da maneira como o tecnicismo apropriou-se do termo, mas em sua concepção fundamental de não-cindido, não-divisível.

Para compreender e mergulhar nas propostas de alguns destes métodos, investigamos 12 (doze) práticas que propõem uma nova terapêutica humana, integral em seus vários contextos de interações, por nós denominadas de “Práticas Psicoeducativas Integradoras”. O desafio foi lançado e coordenado pelo Prof. Cavalcante Junior, Ph.D., do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza, e tornou-se possível com o empenho de mais de vinte assistentes de pesquisa voluntários, recrutados da graduação em Psicologia, dos vários semestres, além de um bolsista institucional de iniciação científica (PROBIC/CNPq).

Passeamos em culturas tão opostas à realidade brasileira, como Áustria, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Tchecoslováquia, França, Argentina, em busca de vestígios que nos sugerissem curiosidades, análises pessoais e culturais que, eventualmente, poderiam ter influenciado, décadas atrás, a construção teórica dos referidos Métodos. Alguns dos seus criadores estão vivos, no caso do brasileiro Roberto Crema e do inglês Roger Woolger tivemos o prazer de conhecê-los em diferentes ocasiões, outros já faleceram ou moram distante.

Contudo, persistindo na busca por respostas, encontramos profissionais e estudantes que nos traziam informações valiosas, daquelas que colegas de pesquisa sabem julgar a importância. Sem esquecermos das inúmeras apresentações em encontros e congressos científicos, além dos textos, reuniões e discussões quinzenais, no grupo de estudos. Entre agosto de 2004 e julho de 2005, fazendo jus à denominação do grupo, fomos *VagaMundos*.

As conclusões práticas desse estudo estão sob revisão final, tendo em vista o I Congresso Brasileiro de Psicoterapia/II Encontro Brasileiro de Psicoterapia, a ser realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2005, na cidade de Belo Horizonte. Nesta oportunidade, estaremos apresentando as categorias emergentes em nossa análise cultural, não sem considerar o caráter político e científico do evento, organizado, conjuntamente, pelo Conselho Federal de Psicologia, Associação Brasileira de Psiquiatria e Associação Brasileira de Psicoterapia.

Todavia, importa-nos registrar, antecipando algumas constatações, que, nos 12 métodos estudados (*Terapia Regressiva Integral, Energética da Essência, Pathwork, Psicossintese, Respiração Holotrófica, Psicologia Arquetípica, Psicologia Sagrada, Processo Hoffman da Quadrinidade, A Arte de Viver a Vida, Síntese Transacional e Ecologia do Ser, Dinâmica Energética do Psiquismo e Pedagogia Simbólica Junguiana*), verificamos uma tendência de síntese, com variações de intencionalidade, para os pressupostos que, até então, são, por assim dizer, “propriedades” de saberes específicos, por exemplo, características que encontramos nas “psicologias” e pressupostos que configuram as “tradições místico-esotéricas”.

Das correntes psicológicas, Freud e Jung são recorrentemente citados – o primeiro, mesmo que a título de contraponto –, bem como o esforço na construção de uma metodologia coerente e a preocupação em compreender, explicar e intervir na subjetivação humana, no campo da teoria – ainda que se valendo de uma polifonia de autores, abordagens e campos científicos. Por outro lado, herda-se, das várias tradições de espiritualidade perene, a diligência por inclusão, integração e transcendência, sobretudo, através de *práticas* que favorecem *estados incomuns de consciência*.

Habitualmente separadas, encontramos, atualmente, evidências de uma nova espiritualidade que se afina às discussões psicológicas, mergulhando na sabedoria interior, percebendo as relações com a vida presente, suas ressonâncias com o passado, enfim, com o estado psicológico desse homem presentificado. Paralelamente, segue-se uma tendência de psicologia que problematiza aspectos da consciência, de sobremaneira investigando processos de criatividade, contemplação etc., incorporando e traduzindo novos conceitos, originalmente advindos da sabedoria mística, no exemplo do próprio Jung e do movimento transpessoal.

Com os dados obtidos, uma segunda característica despertou nosso interesse coletivo, a saber, o empenho de vários métodos em favorecer a experiência da felicidade humana, em seus pacientes/participantes, através de vivências intensas em comunidade. Dessa leitura, iniciamos, em 2005.2, um novo projeto, “Eudemonologia: Etnografia da aprendizagem de uma vida feliz em comunidades”, à procura de respostas e novos questionamentos.

O grupo, enfim, já está formado, apesar de estarmos, em caráter permanente, de portas abertas para novas discussões e colaborações. No momento em que “felicidade” e “sagrado” despertam o interesse de alguns cientistas, acreditamos que o nosso trabalho está apenas começando. Bem vindos à Rede Lusófona de Estudos da Felicidade, RELUS.